



CULTURA PROFISSIONAL

Repercussões trazidas pelas armas atômicas no domínio da estratégia e da tática

General M. CARPENTIER

Transcrito, data vênia, da "Revista Militar" de Portugal.



Em 29 de julho passado, em Londres, quando do debate nos Comuns sobre a retirada das forças britânicas da zona do Canal de Suez, o Senhor Anthony Head, Secretário de Estado da Guerra da Grã-Bretanha, o signatário dos recentes acordos com o Governo egípcio, justificou o teor desses acordos por considerações estratégicas dizendo em especial: "A probabilidade de importantes operações terrestres no Médio-Oriente, em caso de guerra, foi consideravelmente reduzida pela bomba de hidrogênio..." "Para a Grã-Bretanha, por exemplo", acrescentou ele, "a possibilidade de equipar, deslocar e de expedir uma grande quantidade de tropas foi, sem dúvida, diminuída por virtude da existência das armas atômicas. Mas isto também é assim, na mesma, para a União Soviética. Agora o

Canal do Suez encontra-se bem mais afastado da zona onde os combates têm mais probabilidade de se desenrolar em caso de nova guerra".

O Ministro Britânico sublinhou ainda que "os pesados sistemas de reabastecimento atuais devem dar lugar a u'a maior mobilidade, tanto para permitir a dispersão em caso de ataque por bombas H, como para uma concentração rápida em vista de um assalto".

Com efeito, os Britânicos, com o seu realismo bem conhecido, abandonam a zona do Canal de Suez porque eles se aperceberam que a base militar aí constituída, com suas enormes instalações de toda a natureza, estava votada à destruição.

Estas conclusões estão de acordo com as dos peritos militares que em todos os países, e particularmente em França, têm estudado o problema atômico em ligação com as operações militares.

Pode-se assegurar que a eventualidade de emprego da arma t rmonuclear conduz a uma nova concep o da guerra, não nos seus princípios, mas nas suas modalidades de execu o.

O meu propósito é analisar hoje as repercussões e as modifica es trazidas no domínio da estratégia geral ou operacional, assim como no da tática, pela existência e emprego possível dos projetis atômicos.

Estes problemas são vastos e complexos; seus dados, sobretudo no domínio da técnica, estão longe de serem completamente conhecidos e divulgados; no entanto, em face da sua importância e gravidade, nenhum chefe militar tem o direito de os desprezar sob o pretexto de que  le não conhece todos os seus elementos.

Trata-se, aliás, sobretudo dum exame de conjunto, d estes problemas, com vista a destacar os seus aspectos essenciais e de facultar matéria   reflexão ou   discussão, excluindo tudo o que seja dogmático.

CONSIDERA ES GERAIS

Embora a explosão da primeira bomba atômica em Hiroshima tenha já mais de 9 anos, é curioso constatar quanto os efeitos possíveis de tais projetis são geralmente mal conhecidos e quanto a opinião pública está mal informada sôbre êstes problemas. O caminho percorrido no domínio dos armamentos, ultrapassa, sem d vida, o que o espírito pode imaginar, sem conjecturar, ao que as descobertas em curso podem conduzir num futuro próximo. Há até quem chegue a pensar que tais descobertas cont m em germen a destrui o da raça humana, ou pelo menos o fim da civiliza o contemporânea. Alem da dificuldade de imaginar o que advirá no caso do desencadeamento duma ofensiva atômica, nota-se uma espécie de pudor, em certos países, de examinar uma tal eventualidade. Nos Estados Unidos, no entanto, a opinião pública é tida ao corrente dêstes perigos, e as revistas de grande tiragem não he-

sitam em desenvolver  ste tema, não chegando entretanto até a violar os segredos de laboratório cio-samente guardados. Assim é apresentada   opinião pública a gama aterradora dos projetis nucleares atualmente conhecidos, desde a bomba "Nominal" análoga   de Hiroshima, com efeitos comparáveis   explosão de 20 mil toneladas de T.N.T., até a bomba "H", equivalente a 300 mil toneladas de T.N.T. e mais ainda.

Por outro lado é apresentado o canhão atômico com o calibre de 290mm atirando um projetil "tático" que corresponde, para um só obus, ao mesmo resultado de 40 mil obuses de 105mm, equivalendo ao tiro de 5 artilharias divis n rias durante uma hora, ou de 300 bombardeiros carregados, cada um, com cinco toneladas de bombas.

Segundo os casos e os projetis empregados, o raio do círculo de morte varia de um a alguns kms, enquanto que a zona perigosa cobre extensões bem mais vastas ainda. Pode-se assim imaginar o que acontecerá a qualquer das vastas metrópolis contemporâneas, agrupando alguns milhões de habitantes, sôbre as quais rebentasse, de repente sem prévio aviso, uma única bomba "H".

Tal é igualmente o perigo que ameaça t da a humanidade.

Assim, a no o de guerra total tornada uma evidente realidade depois das duas últimas guerras mundiais, toma todo o seu valor; os adversários eventuais, graças ao raio de a o dos aviões modernos, ou por qualquer outro processo, estão em condi es de atacar e destruir, onde quer que seja, o potencial humano, econ mico e industrial inimigo da mesma forma que as suas instala es e as suas fôrças militares, navais, aéreas e terrestres. Daqu  resulta um estado de inquieta o generalizado, f cilmente explicável. Há quem pense, no entanto, bem perigosamente parece, que tais armas não poderão ser utilizadas dada a imensidade dos estragos que elas causariam. Outros pensam que   inútil empreender o que quer que seja, como foi

o caso há alguns meses, da Municipalidade de Coventry, que recusou efetuar um exercício de defesa passiva no quadro nacional, declarando que era inútil aplicar medidas, por ineficazes.

Um fato portanto resta: a existência de armas nucleares entre as mãos dos dois antagonistas possíveis, armas cujos "stocks" aumentam constantemente duma e outra parte da cortina de ferro. Tal é o ambiente atual, feito de sentimentos múltiplos e contraditórios, indo desde o receio raciocinado até a uma ignorância culpável, passando por uma espécie de resignação passiva.

Sem querer discutir agora estas opiniões diversas, é preciso, no entanto, refer que existe uma ameaça terrível que se pode tornar em realidade no dia de amanhã e sem aviso prévio. O tempo em que unicamente os Estados Unidos dispunham da bomba atômica já passou. Se lhes era permitido então fazer da sua existência um meio de ameaça e de oposição ao seu emprêgo efetivo, já não parece possível manter um tal raciocínio, nem sobretudo admitir para o outro campo uma atitude análoga. Isto seria, uma vez ainda, considerar as intenções e não as possibilidades do adversário, jogo que é perigoso e contrário em qualquer caso ao método do raciocínio francês.

Quaisquer que sejam os objetivos, mesmo de grandes dimensões, são terrivelmente vulneráveis. Estão neste caso as cidades, como já se disse, com os seus formigueiros humanos, os portos com as suas instalações, docas, armazéns, etc., onde os navios de todas as toneladas se encontram em via de carregamento ou de descarga, os grandes centros industriais, as obras de arte importantes, as barragens, as zonas de exploração mineira, os grandes campos de aviação internacionais, com as suas pistas imensas e instalações de toda a natureza. E é preciso admitir que tais objetivos, atualmente, ainda não podem ser eficazmente defendidos; que a explosão de um só projétil conduz à sua destruição

mais ou menos total, com a perspectiva de inumeráveis perdas de vidas humanas. Não há portanto, contra parada absolutamente eficaz num futuro imediato.

REPERCUSSÕES SOBRE A POLITICA OU A ESTRATEGIA GERAL

Isto é bem o que parece pensarem os homens de Estado contemporâneos, como mostra o seu cuidado em evitar um conflito generalizado, qualquer que seja a tensão internacional. Cada um se esforça por atingir os seus fins, ficando num ambiente de guerra fria, ou de conflitos locais conduzidos pelos satélites. Por este motivo os negócios asiáticos foram objeto de conflitos armados na Coreia e na Indochina, tendo-se as grandes potências contentado em fornecer armas ou em atuar mais diretamente sob a forma de envio de contingentes a coberto de "Nações Unidas", continuando a manter as relações diplomáticas, ou a negociar no seio de conferências, cuja duração permite conservar o contato.

Ameaça de guerra total e cuidado de não a desencadear, são as consequências diretas da possibilidade de utilização de meios cujos efeitos ultrapassam ainda a imaginação e contra os quais, depois de os ter criado, os homens se encontram desarmados, pois que não têm a contra-parada. Tais são os problemas que se põem, a títulos diversos, a todos os países e aos homens de Estado que os dirigem.

Duas alternativas parecem prevalecer, à exclusão de qualquer outra atitude: ou a neutralidade com os perigos e dificuldades que ela arrasta para quem a quer praticar plenamente, ou a adesão a uma comunidade internacional disposta de armas atômicas e permitindo, desde então, responder, causando estragos idênticos ao adversário, e, se possível, superiores. De todos estes problemas é necessário informar as populações com vista à sua preparação psicológica, para evitar, pelo menos, a surpresa geradora da queda do moral e da vontade de prosseguir a luta. Cada

coletividade, cada indivíduo deve-se preparar para a eventualidade da utilização da bomba atômica desde o começo dum conflito. A ausência atual de defesa eficaz deve conduzir igualmente a uma nova orientação da vida interna dos países a favor da dispersão que facilite a extensão da eletricidade e dos transportes de toda a natureza. É preciso renunciar às vastas concentrações humanas, saídas na maior parte, do desenvolvimento industrial do final do século passado.

REPERCUSSÕES SOBRE AS FORMAS DA GUERRA

Os esforços empreendidos atualmente para evitar uma guerra total, que seria rapidamente um novo e terrível conflito mundial, só podem ser considerados como expedientes para aqueles que têm a responsabilidade da preparação e da conduta das operações. Uma vez ainda, os "stoks" de projetis atômicos aumentam dia a dia. Desta forma é preciso encarar friamente as conseqüências da sua utilização efetiva, depois de ter examinado as repercussões da sua existência sobre a política geral dos países, como acaba de se fazer.

Uma primeira questão não pode deixar de ser posta que é, saber se a era atômica, que se abre comporta a conservação das forças armadas convencionais — aéreas, terrestres e navais. É cômodo responder que, por enquanto, as grandes potências detentoras das armas nucleares têm conservado até aqui, e até mesmo desenvolvido, estas forças convencionais. Será sempre preciso dispor da liberdade de circulação sobre os mares e no ar, enquanto que as forças terrestres são necessárias para proteger os territórios nacionais e ocupar os do adversário, depois de ter participado na destruição dos seus exércitos. São mais problemas de articulação, de dosagem, de qualidade e de composição destes exércitos que se põem, com vista a os adaptar às possibilidades das armas novas e deles tirar o rendimento máximo. Estudos estão em curso,

um pouco por toda a parte, que não chegaram ainda a conclusões definitivas. Elas, aliás, só serão de adotar depois de terem sido experimentadas. Pode-se afirmar, contudo, que a posse de projetis atômicos constitui elemento de potência dum país, tal como outrora se comparava a tonelagem global das frotas, o número dos couraçados ou de divisões susceptíveis de serem mobilizadas.

É preciso sublinhar, por outro lado, que a vantagem, em caso de conflito geral, pertencerá ao agressor que primeiro utilizar os projetis termo-nucleares. Isto é uma grave preocupação para os países cuja política geral é estritamente defensiva — inicialmente pelo menos — baseada sobre a defesa dos territórios nacionais, que é o caso das nações que aderiram ao Pacto do Atlântico. Mesmo que se admita que por um sentimento humanitário ou mais simplesmente de propaganda bem compreendida, certas capitais ou metrópoles, célebres pelos seus tesouros artísticos acumulados durante séculos, sejam, talvez, poupadas, resta ainda uma gama de objetivos facilmente imagináveis e cuja destruição, ou a simples neutralização, pode entrar, mais ou menos definitivamente, a vida duma nação ou de um grupo de países, assim como a ação das suas forças armadas.

Torna-se necessário imaginar o que resultaria dum ataque aéreo de surpresa e sem o menor aviso prévio, o que é perfeitamente admissível. Assim se pode verificar quais serão, por exemplo, os efeitos duma centena de bombas, tipo H, judiciosamente lançadas sobre os centros de comunicações vitais, portos, arsenais, bases aéreas e sobre determinados estabelecimentos militares.

Isto é o mesmo que dizer da importância considerável e determinante da "Informação". É preciso, com efeito, procurar, por todos os meios, evitar esta surpresa que conduziria, no estado atual das coisas, a uma catástrofe. As informações ou índices obtidos, só serão utilizáveis desde que possam ser ins-

tantaneamente transmitidos às autoridades responsáveis, o que conduz ao estabelecimento, ou permanência, dum delicado e muito completo sistema de pesquisa de informações e de transmissões. É fácil conceber as dificuldades e obstáculos a vencer para obter um tal resultado, pois a instalação dos meios necessários para uma agressão termo-nuclear pode fazer-se em segredo.

Sem desenvolver mais este problema que constituiria, por si só, objeto dum estudo particular, parece-me absolutamente necessário, evocá-lo aqui para dêle tirar, pelo menos, as conclusões que se impõem.

Admite-se geralmente que o receio de represálias é a melhor proteção atual contra a eventualidade dum tal ataque. Contudo, para serem eficazes, tais represálias deverão ser instantâneas. Isto implica um dispositivo de resposta, em condições de atuar rapidamente e, susceptível de atingir, por sua vez, os objetivos vitais adversos antecipadamente determinados e minuciosamente estudados com vista a obter o máximo de eficiência. Ainda é preciso que os meios assim previstos não sejam destruídos antecipadamente, na totalidade ou em parte, pelo agressor, o que não é certo.

Ataque de surpresa, resposta imediata — pode ser o primeiro ato dum conflito geral onde os projetos nucleares serão utilizados por ambas as partes. Não é absolutamente fatal que assim seja; de qualquer forma, porém, devemos preparar para diminuir os estragos previsíveis, explorado os resultados a obter pela resposta. É preciso, para isso e em primeiro lugar, realizar, desde o presente, uma vasta articulação dos meios incluindo neste termo as forças combatentes dos três exércitos, assim como o conjunto dos seus suportes logísticos. Esta articulação deve permitir, por uma quadrícula das vias de transportes marítimos, aéreos, terrestres ou fluviais, realizar a maior dispersão dos meios, com vista a assegurar a sua pro-

teção contra o perigo atômico. Estas medidas devem permitir igualmente o reagrupamento rápido das forças, conforme a concepção da manobra; que constitui, própria-mente, a estratégia operacional. Evitar concentrar meios susceptíveis de constituir objetivos de escolha; estar em condições de utilizar a tempo e de reunir estes mesmos meios, são dois imperativos que podem parecer contraditórios *a priori* e, em todo o caso, difíceis de realizar. É preciso sublinhar, desde este momento, a título de exemplo, que a concepção e realização de vastas operações anfíbias, que marcaram, de maneira tão espetacular, a segunda parte da guerra mundial, a partir de novembro de 1942, devem ser consideradas como caducas. As operações de desembarque de Salerno, Anzio, Normândia e de Provença, somente foram possíveis, nessa época já passada, graças à superioridade aérea e total dos aliados. Mas hoje em dia, um único avião transportando uma bomba atômica, ou um só projétil atômico gênero V1 ou V2, podem sempre furar um dispositivo de defesa por mais denso que seja, e enfraquecer toda ou parte das enormes armadas reunidas e concentradas com vista a estas operações, na proximidade das praias de desembarque. O mesmo se pode dizer para as bases terrestres onde sejam reagrupadas as Grandes Unidades depois do seu transporte, com os seus depósitos, bivaques e "stoks" de material; quanto aos grandes portos que as alimentam, eles constituem objetivos de escolha. Esta forma de logística "concentrada" é portanto de proscrever totalmente, qualquer que sejam os inconvenientes e servidões consequentes duma dispersão sistemática. As concentrações de navios e de forças aéreas nas grandes bases navais ou sobre os vastos campos modernos são igualmente de evitar pelas mesmas razões. Estas medidas devem ser tomadas desde o momento presente, em razão da possibilidade permanente dum ataque sem pré-aviso; a instalação e a dispersão dos meios

logísticos não podem ser improvisadas no último momento. Elas exigem a realização de trabalhos demorados e onerosos segundo um plano de conjunto comportando fases sucessivas.

Esta dispersão necessária deve ser evidentemente tal que não revele as concepções do comando no domínio das operações. Isto pode ser realizado por meio duma repartição judiciosa dos meios disponíveis sobre o conjunto dos territórios interessados. A rede de vias de comunicação deve permitir realizar, no momento próprio, as concentrações e as variantes necessárias. O emprego mais generalizado dos transportes por avião, ampliará a flexibilidade e a rapidez destes movimentos.

Vasta dispersão das forças terrestres, navais e aéreas; redes de vias de comunicação permitindo a concentração dos meios operacionais e logísticos que a manobra exige; instalação *a priori* dos aprovisionamentos necessários para um período relativamente longo; sistema de intercepção e de detecção cada vez mais completo e profundo; pesquisa da informação, são as medidas de defesa que imperiosamente se impõem. Mas tais medidas, somente serão eficazes se elas estiverem ao serviço duma estratégia resolutamente ofensiva, visando atacar as forças vivas adversas, econômicas e militares, com o fim de as destruir. Para este efeito é conveniente dispor de reservas estratégicas, largamente articuladas e suscetíveis de serem transportadas rapidamente, e por consequência de avião, com vista a explorar os resultados obtidos pelos bombardeamentos efetuados por meio de projetis nucleares. Estas ações deverão ser combinadas com as dos elementos subversivos, se possível mantidos e conservados nos territórios inimigos, que terão por missão aumentar a confusão e desordem, causadas pelos ataques atômicos.

REPERCUSSÕES NO DOMÍNIO DA TÁTICA

As características previsíveis do combate tático que resultam deste conjunto de considerações gerais, são essencialmente:

- o emprego provável de projetis atômicos em toda a profundidade tática do campo de batalha;
- o aumento da importância da aviação sob todas as suas formas (bombardeamento, apoio, transporte);
- a ausência de frentes contínuas com a insegurança constante sobre os flancos e retaguardas;
- a necessidade de desenvolver a pesquisa e a exploração da informação na zona de combate.

Tais características excluem a idéia, por vezes formulada, duma tática de "substituição", conforme os projetis atômicos sejam ou não empregados. Com efeito, é bem uma combinação de emprego de armas clássicas e nucleares que é preciso preparar, podendo, entretanto, estas últimas, em virtude do seu número relativamente reduzido, não serem utilizadas em todas as circunstâncias. Mas o adversário, dispondo de projetis atômicos, pode-se servir deles, à sua vontade, onde e quando o quizer.

É preciso, portanto, tomar medidas que permitam a proteção em permanência contra os efeitos destas armas de grande potência. Daqui a necessidade duma dispersão sistemática e permanente de todos os elementos do dispositivo tático: escalão de combate, reservas, órgãos de comando, serviços e depósitos de toda a natureza. Será preciso, igualmente, uma disciplina e um adestramento individual muito grande para que estas medidas, duma aplicação permanente, sejam eficazes. Este reflexo da dispersão será completado pelo emprego judicioso da camuflagem e pela execução de trabalhos de organização do terreno em todas as circunstâncias. Estas medidas

não constituem um fato novo. Elas eram já necessárias para a proteção contra os efeitos da Artilharia e da Aviação. Agora somente se tornam mais imperiosas ainda, se não nos queremos arriscar, a ver, em um instante, desaparecer localmente, todo ou parte dum dispositivo tático.

Todavia, o exercício de comando não deve ser tornado impossível. Um limite é preciso procurar, para lá do qual uma dispersão muito grande acabará por ser mais prejudicial que útil. Parece bem que, para a Infantaria, não se tratara de ultrapassar o escalão Batalhão, célula tática elementar.

Estes procedimentos não devem conduzir, no entanto, a um imobilismo tendo como consequência esperar o inimigo sobre boas posições, preparadas antecipadamente, para o obrigar a concentrar as suas forças, a fim das destruir por meio de projetis atômicos. A arma nuclear não é, com efeito, unicamente defensiva, como certos o pensam. A vantagem pertence sempre ao assaltante e, portanto, proceder assim, seria fazer o jogo do inimigo, deixando-lhe a possibilidade de conduzir impunemente a sua manobra. A melhor defesa, diz-se muitas vezes, está no ataque. Sendo assim, uma atitude agressiva deverá ser sempre adotada em tôdas as circunstâncias do combate. Esta atitude é feita de mobilidade e de muita flexibilidade. Ela não exclui, portanto, a preocupação de se dispersar, de se camuflar e de se enterrar, medidas que, como acabamos de ver, constituem a melhor parada.

Esta tática agressiva deve comportar o emprêgo sistemático de movimentos e do combate de noite, que permitem realizar concentrações locais e temporárias, fugindo à ação dos órgãos de pesquisa inimigos, aéreos ou terrestres. A utilização do coberto das florestas, constitui igualmente uma proteção conveniente e permite os deslocamentos de dia. Ela implica ainda um treino especial dos quadros e da tropa.

Para ser eficaz, uma tal tática necessita dum perfeito conhecimento do inimigo, dos seus movimentos e do seu dispositivo. O papel da informação torna-se assim essencial neste domínio, como no da estratégia, como já foi visto. Estas informações, para serem exploráveis, devem poder ser comunicadas, com o mínimo de demora, aos escalões do comando responsáveis pelo emprêgo dos projetis nucleares. Daqui resulta a necessidade da melhor ordem para o sistema de transmissões postos à disposição dos diversos organismos de pesquisa.

Estas medidas devem conduzir ao melhor emprêgo das armas atômicas, e a modificar os aspectos tradicionais do combate ofensivo. A arma atômica permite encarar, com efeito, a supressão, mais ou menos total, da fase sempre longa e complexa da instalação dos meios, que representa uma ação de viva força. A acumulação antecipada de grandes toneladas de munições de tôdas as espécies, exigindo por vezes alguns dias; assim, como o desenvolvimento dum importante dispositivo de Artilharia, podem ser substituídos pela utilização dum ou alguns projetis atômicos. A fase do ataque à viva força dum posição inimiga, e do seu assalto, necessitando de numerosas unidades atuando em frentes estreitas, pode ser igualmente evitada. Para explorar o mais depressa possível o efeito dos projetis atômicos, com vista a realizar uma deslocação mais profunda do dispositivo adverso, para melhor dispor, na proximidade das brechas assim criadas, de forças mais ligeiras capazes de o fazer. Estas ações de exploração serão facilitadas pelo emprêgo de pára-quedistas ou de tropas aerotransportadas, semeando e mantendo a desordem nas retaguardas imediatas inimigas, em tudo prejudicando a intervenção das suas reservas. A isto, é preciso ajuntar ainda uma procura sistemática do combate no interior do dispositivo inimigo, em ligação com os elementos subversivos que aí tenham sido mantidos.

Se parece menos necessário insistir aqui, sobre o papel que a aviação será chamada a desempenhar no desenvolvimento dos combates futuros, não se pode deixar de frisar que a guerra atômica arrastará obrigatoriamente a um vasto desenvolvimento da aviação de transporte sob tôdas as suas formas e, em particular, ao emprêgo generalizado dos helicópteros.

A êstes aspectos do combate atômico é preciso acrescentar enfim uma insegurança permanente, qual quer que seja a situação das unidades, além do da noção de frente continua ceder o lugar a uma certa descontinuidade no dispositivo.

* * *

À reflexão, o exame dêstes diversos pontos não parece arrastar a uma revolução total no emprêgo das armas clássicas (Infantaria, Artilharia, Carros, Aviação de Apoio) sobre o campo de batalha. As conclusões parciais postas a claro, comportam, com efeito, a necessidade da dispersão, uma grande mobilidade e a ligeireza e flexibilidade da manobra. A organização do terreno, a camuflagem, a rapidez do movimento e o hábito à fadiga, são igualmente coisas conhecidas. A noção de segurança e aquela de insegurança permanente, a importância dos combates de noite, o papel essencial da informação e o reflexo da sua difusão imediata com um excelente funcionamento das transmissões, não são fatos novos. É preciso, no entanto, reter o perigo que se corre e os aspectos do combate resultante, impõem uma qualidade de instrução, um adestramento e reflexos muito superiores ao que se podia exigir até aqui e que, sobretudo, terão que ser generalizados ao conjunto dos combatentes e dos serviços.

Uma doutrina agressiva, essencial em todo o tempo, só pode, ainda, ser válida, se os quadros e a tropa se encontram dela impregnados.

Na mesma, serão precisos longos esforços para criar o reflexo da organização do terreno, que parece ainda ser a medida mais eficaz de

proteção do pessoal e de material. Isto é o mesmo que dizer da importância do adestramento individual, que deve, aliás, ser tanto moral e humano que técnico. É preciso ainda dispor de instrutores e de quadros de qualidade. A seleção dos quadros, em seguida à sua formação inicial — moral, física e técnica —, ultrapassa certamente o âmbito dêste estudo, mas nós não podemos deixar de marcar como a sua importância é capital.

Pode-se ainda perguntar em que medida as Grandes Unidades modernas (Divisões de Infantaria, Divisões Blindadas) são adaptadas a esta forma de combate, essencialmente baseado sobre mobilidade e flexibilidade. Parece-nos bem que a Divisão de Infantaria, com o seu efetivo de 17.000 homens, seus 9 Batalhões de Infantaria e seus 5 Grupos de Artilharia, constitui um conjunto pesado e pouco manejável.

Mais ainda, a Divisão Blindada moderna parece particularmente pouco manejável com o seu efetivo total superior a 17.000 homens, com cerca de 300 carros e perto de 4.000 veículos de tôdas as categorias.

Estudos estão em curso, conduzidos simultaneamente pelos Estados-Maiores nacionais interessados, com vista a encontrar uma solução válida, que seja um compromisso entre a potência de fogo necessária a conservar, e manejabilidade. Engenheiros de combate ligeiros são igualmente procurados ou ultimados. É de admitir que êstes estudos tenham sucesso num prazo de tempo mais ou menos próximo, e que um tipo de Grande Unidade, com um efetivo variando entre 11 e 12 mil homens possa ser experimentado e em seguida adotado.

CONCLUSÕES

Algumas destas notas, relativas às repercussões possíveis do emprêgo das armas atômicas no domínio da estratégia e da tática, são evidentemente inspiradas pela posição geográfica particular da França e

da sua situação pouco invejável entre os dois blocos antagonistas. Assim elas lhe são mais especialmente aplicáveis. Elas, ainda, em nada empenham as concepções da O.T.A.N. a respeito destes problemas; são apresentados mais a título pessoal, como sugestões destinadas a servir de base de discussão ou de reflexão. É claro que a amplitude e a novidade de tais questões não permitem tratar a fundo este assunto num tempo tão curto.

Muitas incógnitas restam, enfim, tanto no domínio puramente científico da pesquisa, como no do conhecimento exato dos efeitos a esperar destas armas em constante aperfeiçoamento.

Mas é permitido supor, desde agora, que os dados que foi possível apresentar são suficientes para tirar já um certo número de conclusões, umas teóricas outras mais concretas.

Tal era aliás o fim pretendido. Primeiro que tudo, podemos perguntar se o emprêgo das armas nucleares constitui uma verdadeira revolução na arte da guerra, ou, ao contrário, se ele deve ser considerado como uma simples evolução na gama dos meios de destruição postos à disposição das nações e dos homens. Pode-se constatar que as leis da guerra e as regras da tática continuam válidas. Mas já não podemos considerar uma questão de banal evolução quando se comparam os efeitos das armas convencionais utilizadas ainda em 1945, compreendendo a bomba de 10 toneladas, com os dos projetis atômicos e os da bomba "H" em particular. Com efeito, estas novas armas dão um argumento de potência tal àqueles que as podem utilizar, que elas dominam largamente o debate. Elas fazem também com que as formas da guerra e do combate tático se devam inspirar dos seus efeitos de maneira permanente para não arriscar uma destruição prematura do corpo de batalha comportando forças terrestres, aéreas e navais, assim como os seus suportes logísticos respectivos.

Uma outra questão, que tem sido debatida e que é dum interesse prático mais imediato, é saber se convém manter forças armadas convencionais nesta era atômica. Isto parece não admitir discussão, pelo menos no domínio aéreo ou aeronaval. A livre circulação sobre os mares continua ainda uma necessidade absoluta, pelo menos para certos continentes mais isolados, como é o caso da América em relação à Europa e à Ásia. As forças terrestres conservam, enfim, a sua missão de defesa e de ocupação dos territórios, mas, em ligação íntima com as forças aéreas. O fim é substituir a velha estratégia terrestre e a jovem estratégia aérea por uma estratégia nova verdadeiramente aéroterrestre.

Uma evolução parece todavia necessária no que respeita à qualidade e à quantidade. Nós acabamos de ver que as pesadas vagas de bombardeiros que se escalonavam no céu durante os "raids", que caracterizaram o último conflito mundial, podem ser largamente substituídas, e mesmo ultrapassadas nos seus efeitos, por um único aparelho transportando o projetil atômico.

Pelo contrário, um esforço considerável deve ser empreendido com o fim de melhorar a detecção e a intercepção. Sob o ponto de vista terrestre, viu-se a necessidade duma tática agressiva, flexível e móvel. Para realizar esta mobilidade torna-se necessário tirar o maior partido da motorização e da mecanização. É preciso, por consequência, libertarmos-nos, na medida do possível, da servidão das linhas de comunicação por uma logística orientada para o aérotransporte.

Por outro lado, a composição orgânica das Grandes Unidades clássicas (Divisões de Infantaria e Divisões Blindadas) merece ser reconsiderada com vista à realização dum sério aligeiramento.

Não é ser visionário de pensar que em alguns anos, a Artilharia: primeiro o escalão Exército, depois o escalão Corpo de Exército, compreenderá talvez, para uma ope-

ração de rutura, em vez de numerosos grupos de artilharia pesada, necessitando toneladas muito importantes de projéteis clássicos, 2 ou três baterias de duas peças de canhões atômicos, dispondo de algumas dezenas de obuses atômicos. Não é para amanhã.

Mas, a idéia anda no ar. Certamente ela será realizada só progressivamente e nós veremos em primeiro lugar o escalão Exército e Corpo de Exército numa "cohabitação" da artilharia clássica e da artilharia atômica. Ao contrário, no escalão Divisão, eu penso que a artilharia clássica será a unicamente, por muito tempo, utilizada.

Enfim, o emprêgo simultâneo de projéteis atômicos táticos pelos dois adversários, exclui as concentrações dos meios julgados até aqui indispensáveis para romper o dispositivo inimigo e que se arriscariam, assim, a constituir objetivos de escolha.

Torna-se finalmente necessário não esquecer que estas preocupações não são limitadas a alguns países desfavorecidos, mas interessam ao conjunto das nações do globo, não podendo nenhuma, desde o presente, pretender pôr-se ao abrigo dum tal perigo. É pois um dever para os Governos e para os Estados-

Maiores, que são os seus conselheiros técnicos, examinar tais problemas.

A bem dizer, não é talvez encorajante constatar que não existe parada eficaz no estado atual das coisas e que o emprêgo das armas atômicas constitui um prêmio ao agressor. A única defesa eficaz reside atualmente na dispersão sistemática dos meios em pessoal e em material.

Este perigo generalizado conduz, igualmente, os que são responsáveis pela vida dos povos a procurar evitar uma conflagração geral, preferindo, tanto quanto possível, deixar aos satélites o cuidado de "solucionar" os conflitos localizados.

O futuro dirá se esta prudência relativa do momento, poderá resistir ao mesmo tempo que se continuam a fabricar armas nucleares e se procuram aumentar ainda mais os seus efeitos, já terríveis.

De qualquer maneira, o caráter total da guerra, que engloba todas as categorias de indivíduos, sem distinção, implica pelo menos uma profunda preparação psicológica, a fim de evitar a surpresa total, assim como uma orientação, a mais longo prazo, da forma de vida das populações, se queremos conservar e defender a nossa civilização.

DARCY BRASILEIRO DA SILVA

Ferragens em geral, louças, tintas e óleos, material elétrico
 AVENIDA DA REPÚBLICA, 99 — Tel. : 413 — End. Teleg. "DARCY"
 VITÓRIA — E. E. SANTO — BRASIL

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro
 RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — CAIXA POSTAL, 1239
 END. TEL. "RIOINCO"

Gerência, 23-0556 — Subgerência, 43-1112

Contadoria, 23-2329 — Cobranças, 43-9780

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

(N. 6)